

Umge wandel
Wissenschaft;

Technologie . Instrumente

VILÉM FLUSSER

As passarmos, como pretendo fazer na curso desta aula, da ciencia teórica para a ciencia aplicada, mudaremos inteiramente de plano, porque transferiremos a nossa discussao para o mundo dos valores. No entanto, nao pretendo mergulhar imediatamente nesse mundo. O meu propósito nesta discussao será tripla. Discutirei primeiro o aspecto ontológico da tecnologia. Em seguida procurarei iluminar alguns problemas de ordem epistemológica que a tecnologia encerra. Por fim, apresentarei aos senhores os problemas éticos e estéticos do mundo dos instrumentos, tais como esses problemas se apresentam a minha mente.

O homem é um ser manipulador, e nao há nada de especificamente ocidental nessa propriedade genericamente humana. Foi até proposta a designacao de "homo faber" para denominar a espécie humana. O que significa esse verbo "manipular" que predica o substantivo "homem"? A análise existencial dessa pergunta chegou a conclusoes seguintes: O homem é uma forma de ser que está lançada num meio, chamado "mundo", e esse mundo consiste de outras formas de seres. Chamemos a forma de ser do homem de "estar aqui", e chamemos a forma de ser do mundo de "estar diante de estar aqui"; ou, em nomenclatura taquigráfica, chamemos a forma de ser do homem de "existencia", e a forma de ser do mundo de "coisa". A existencia está lançada em meio de coisas. As coisas cercam a existencia de todos os lados, barram-lhe o caminho do seu projeto, no qual a existencia se projeta, causam portanto a sensacao da estreiteza, da angústia, que caracteriza a existencia, e tapam, qual muralha, a visao daquilo que é comumente chamado de realidade. As coisas sao portanto as causas que condicionam a existencia em seu projeto. Ao se checar contra as coisas, pode a existencia reagir de duas maneiras. Pode fechar-se contra elas, e, qual bola de bilhar, rolar de coisa em coisa, ao saber dos impactes que recebe. Chamaremos de "inautentica" essa existencia, e de "decadencia" o seu trajeto. Ou pode abrir-se para as coisas, procurando incorpora-las em si mesma, para superá-las. Chamaremos de "autentica" essa existencia, e de "projeto" o seu trajeto. A existencia aberta para as coisas funciona da seguinte maneira: ela primeiro as apalpa, ou como dizemos ela as apreende. Em seguida ela as engole, ou como dizemos ela as compreende. Por último ela as expelle para traz, ela as abandona, superando elas, ou como dizemos ela as transforma. As coisas assim apreendidas, compreendidas e transformadas deixaram de ser coisas. Nao estao mais diante de estar aqui, mas atrás dele, estao superadas. Chamemos essas nova forma de ser de "instrumentes". Os instrumentos nao sao causas que condicionam a existencia, sao, pelo contrário, testemunhas da passagem da existencia pelo mundo. A sensacao que provocam na existencia nao é mais a da angústia, mas de estar abrigado. A existencia autentica procura pois superar a sua angústia superando as coisas que a condicionam, ao transformá-las em instrumentos. Essa procura, ("Serge"), é justamente o significado do verbo "manipular" que estavamos discutindo. "Homo faber" e "existencia autentica" sao sinónimos no presente contexto.

É evidente que a análise existencial que lhes acabo de apresentar de maneira muito resumida é vítima de mito de sujeito. Mas nao é este o aspecto do problema que pretendo discutir hoje. Disse que o manipular é uma propriedade genérica de homem. Mas no Ocidente assumiu uma forma especifica que cria novos problemas. Comparem por exemplo a harpuna de um esquimó ou a canoa de um polinésio com uma bala de revólver ou um Volkswagen nesses. Todas essas quatro formas de ser sao, de acordo com a nossa análise, instrumentos, isto é coisas superadas. A harpuna é um dente de foca superado, e a canoa é uma árvore superada. O dente e a árvore condicionavam o esquimó e o polinésio, e angustiavam a eles. A harpuna e a canoa abrigam o esquimó e o polinésio e atestam a sua existencia no meio do mundo. Fazem-no, porque evidenciam, em sua forma de ser, o estampo da existencia que as tem superado. Mas é óbvio que a bala de revólver e o Volkswagen, embora instrumentos, representam uma forma de ser diferente. Evidenciam, eles também, o estampo da nossa existencia, sao, eles também, coisas superadas, mas nao nos abrigam da mesma maneira como o faz a harpuna ou a canoa. Creio que a análise existencial nao tem apreciado suficientemente essa diferenca ontológica que existe entre o instru-

VILÉM FLUSSER

mente como produto da manipulação imediata, e o instrumento como produto da manipulação da tecnologia do Ocidente. Essa diferença reside no seguinte: a manipulação imediata é fruto de um projeto fixo e tradicional, dentro do qual o esquimó ou o polinésio vivem. Para o esquimó é o dente de foca uma harpuna potencial, e ao transferir essa virtualidade em realidade, está se realizando o esquimó como autenticidade. A harpuna terá, quando realizada, a forma que lhe impõe o projeto existencial dentro do qual o esquimó existe. Terá, sem dúvida aspectos individuais, que atestarão a existência individual que a produziu, mas essa própria individualidade terá sido projetada pela tradição dentro da qual o esquimó existe. E por isto que a harpuna será uma realidade. E é por isto que o esquimó se sentirá abrigado por ela. Mas a bala de revólver é fruto do projeto da ciência, cujo caráter progressivo e portanto anti-tradicional foi discutido nas duas aulas passadas. Quando realizada, terá a bala a forma de estágio efêmero que a discussão científica lhe imprime num dado instante. E, como produto de discussões progressivas que é, não terá nenhum aspecto de individualidade. Será manifestação de discussão coletiva. Não terá portanto aquele efeito libertador da angústia que a harpuna cria. Não será sentido, no mesmo grau, como realidade. Embora instrumento, tenderá a bala de revólver a re-transferir-se em coisa. Voltará a ser causa a condicionar as nossas existências, voltará a angustiar-nos. Os instrumentos da tecnologia tem a tendência horrível de condicionar a nossa existência, e o fazem de uma maneira ainda mais opressora que as coisas que tinham superado. E esta consideração me conduz para a discussão do problema epistemológico que os nossos instrumentos encerram.

A ciência teórica é um discurso que se desenvolve por entre nomes que denominam classes. A ciência aplicada traduz esses nomes, depois de discutidos, para a camada dos nomes próprios, justamente para aplicar as transformações ocorridas na camada de classes para a camada dos elementos, de classes. O propósito dessa aplicação é duplo. Epistemologicamente equivale a um teste da teoria. Eticamente equivale a uma transformação progressiva do mundo das coisas. Em que sentido podemos dizer que a aplicação da ciência é um teste das suas teorias? No sentido da vivência imediata. A ciência partiu de nomes próprios fornecidos pela conversação geral, por exemplo de nomes como "este mineral" e "esta planta". Traduziu estes nomes próprios para nomes universais em forma de símbolos matemáticos, e submeteu estes símbolos a um jogo, cujas regras são aproximadamente lógicas, e transformou estes símbolos neste jogo. Agora aplica o resultado desse jogo para um nome próprio novo, por exemplo "este Volkswagen", e vejam, que milagre, esse novo nome próprio é vivenciado como se fosse idêntico, com os nomes próprios das quais a ciência surgiu. O Volkswagen se move, e faz barulho, e cheira mal, é vivenciado portanto e prova que a ciência funciona. Mas prova exatamente e apenas isto: que a ciência funciona, se e quando re-traduzida para a camada da vivência imediata. Não prova que a teoria, da qual o Volkswagen é resultado, é verdadeira. Prova apenas que essa teoria funciona. Podemos definir a verdade como aquilo que funciona. Neste sentido pragmático o Volkswagen prova que a teoria é verdadeira. Mas a nossa angústia continuada diante do Volkswagen torna existencialmente óbvio que o ponto de vista pragmático não esgota o problema da verdade e da realidade. O Volkswagen que surgiu da teoria não é um ser real no mesmo sentido como é a harpuna. Não expressa a existência e não a atesta da mesma forma como a harpuna. Falta-lhe alguma dimensão da realidade, é um ser de alguma maneira deficiente. A dimensão que lhe falta, e que faz com que seja o Volkswagen um ser um tanto irreal, um ser existencialmente vazio, é a dimensão de sacre. A sensação dessa falta de sacralidade, a sensação do profano, que o Volkswagen nos causa, se comparado com a harpuna ou a canoa, é experimentada por nós, via de regra, como um defeito estético, como algo esteticamente falso. Sentimos a autenticidade estética na harpuna e na canoa, e sentimos a inautenticidade na forma do Volkswagen, justamente por ser essa forma deliberadamente buscada em procura de beleza. É que a harpuna é uma realização autêntica de uma existência, é portanto realidade, enquanto que o Volkswagen é de alguma maneira deficiente. É deste problema que tratarei em seguida.

VILÉM FLUSSER

A harpuna é a articulação de um mito. Na harpuna aparece e transparece o velado, a realidade, que se esconde atrás das coisas. Ao transferir de um mito em harpuna, imprimiu o esquinó o estampo da realidade mítica sobre a coisa. E por isto que a harpuna é um nome próprio autêntico, no sentido como o temos definido na penúltima aula. A bala de revólver é a articulação de uma teoria, por exemplo da teoria da queda livre, portanto de um discurso cuja meta é a desmitização de mitos. Na bala de revólver aparece e transparece a teoria. Ao fabricar balas de revólver, imprimiu a ciência o estampo da teoria sobre as coisas. E por isto que a bala de revólver não é um autêntico nome próprio, no sentido discutido, mas apenas um nome universal que, se esforce, debalde, a adquirir as características da individualidade. Falta-lhe esse contacto com o velado, com o sacro, que é o sinal da plena realidade. Funciona, e funciona muito melhor que a harpuna, mas funciona dentro de um conjunto qual é negado o último grau de realidade. Falta a essa fé a esse conjunto todo no qual os instrumentos da tecnologia funcionam. É portanto neste sentido epistemologicamente dúbio que a aplicação da ciência serve de teste da sua veracidade.

Trate-se, como vêm os senhores, de um problema de primeira grandeza para a compreensão da situação do Ocidente. O progresso da ciência transforma, paulatinamente, o mundo das coisas dentro do qual estamos jogados, em mundo de instrumentos no sentido discutido. Trata-se de uma progressiva desmitização e profanação do nosso mundo. O resultado existencial é a nossa progressiva perda de fé, a nossa progressiva perda de senso de realidade. E o absurdo desse progresso todo é, que ele está projetado nos próprios mitos que nos lançaram para cá, e de acordo com os quais nós nos realizamos. Neste sentido é o progresso da ciência, e a transformação do mundo das coisas em mundo de instrumentos, um processo inelutável. A conversação do Ocidente alcançou um estágio no qual seria inautêntico querer manipular as coisas no sentido de produzir harpunas, ou mesmo flexas romanas. O próprio verbo "querer", na frase "querer fabricar flexas" denota a inautenticidade desse desejo. Somos forçados, pelo progresso da nossa conversação, a fabricar balas de revólver ou foguetes. Somos, como existências ocidentais tardias, lançados num mundo de instrumentos científicos, e isto define a nossa situação existencial, e não as coisas, já quase inteiramente superadas. O nosso problema existencial é como viver em meio desse tipo de instrumentos, e não como viver em meio de coisas. Não é a árvore que nos condiciona, mas é o ar condicionado. Em outras palavras, existimos em circunstância, na qual os instrumentos estão voltando a serem coisas, para condicionarem-nos. A nossa inautenticidade reside no aceitar desses instrumentos como tais, e a nossa autenticidade reside na tentativa de abrimo-nos para esses instrumentos procurando superá-los. Não é na superação do mundo da chamada "natureza" que reside o nosso projeto, mas na superação da tecnologia, esse nossa natureza.

O mundo da tecnologia está diante de nós, e é contra ele que nós nos checamos na nossa tentativa de projetarmos como existências tendendo a realizar-se. Se para as outras sociedades a natureza é o inimigo; para nós o inimigo é a tecnologia. O amor pela tecnologia que caracteriza algumas das nossas inteligências é portanto uma traição, comparável ao amor romântico pela natureza. Os racionalistas enamorado da técnica são os decadentes no estágio atual do nosso desenvolvimento. Mas o absurdo do processo todo faz com que sejam esses decadentes por isto mesmo também os progressistas. São eles os que apontam a direção inelutável da nossa sociedade. O que acaba de dizer equivale a afirmativa de que a nossa sociedade é, como um todo, uma sociedade decadente. Num sociedade assim são os decadentes os progressistas. É óbvia essa afirmativa, mas merece ser dita e meditada. É igualmente óbvio que esta afirmativa não implica que os reacionários são, automaticamente, por serem reacionários, o que de autêntico entre nós existe. A progressiva profanação do mundo das coisas em mundo de instrumentos tem como efeito mais evidente a assim chamada "elevação de standard de vida". Aliás, essa elevação é a justificativa ética desse processo todo, embora

VILÉM FLUSSER

seja essa uma justificativa "post hoc", conforme espero esta discussão tornou clara. A tecnologia não surgiu para elevar o standard da vida, mas ela é, como toda manipulação, a tentativa da existencia de superar a angústia do mundo das coisas. Ela é a forma ocidental, inelutável e projetada por nossos mitos, dessa superação das coisas. Mas "post hoc" ela se justifica éticamente pelo argumento da elevação do standard de vida. A consideração deste argumento ético será dedicado o resto desta aula.

A sensação fundamental da existencia é a angústia, em parte resultado da pressão que as coisas sobre ela exercem, em parte resultado da solidão e da separação da existencia daquilo que se esconde atrás das coisas. A superação dessa angústia fundamental é a suprema meta ética da existencia humana. A conversação com outras existências é uma forma imperfeita dessa superação, e a descoberta do escondido atrás das coisas seria sua forma perfeita. Seria a felicidade perfeita, enquanto que a comunicação que estabelece com as minhas co-existências são estágios imperfeitos de felicidade em busca da felicidade perfeita. Vista éticamente, é a tarefa de meu projeto a busca frustrada da felicidade perfeita. A superação das coisas faz parte dessa tarefa, porque apreender, compreender e transformar coisas tende a eliminá-las e abrir caminho rumo ao escondido, ao sacro. Tenho portanto dois métodos na minha tentativa frustrada de alcançar felicidade: conversar com as minhas co-existências, (isto é amá-las), e lutar contra as coisas, (isto é criar realidades). É contra este pano de fundo que a meu ver a elevação do standard de vida como valor deve ser posta.

Elevar o standard de vida significa consumir maiores quantidades de coisas, inclusive coisas intangíveis que os economistas chamam de serviços. Esse consumo parece ser, a primeira vista, uma realização ética da existencia, já que aparentemente elimina coisas. Mas na situação atual da nossa sociedade ocidental trata-se de um erro. O consumo é, no fundo, uma atitude passiva. O consumidor é um abismo dentro do qual coisas se precipitam. Não se realiza a existencia consumindo, a não ser que tenha, ela própria, transformado as coisas que consome. Estruturalmente é portanto o consumo uma forma incutida de existir, uma forma na qual a existencia é condicionada. Mas o consumo é uma das condições a situação humana. Para existir, precisa consumir o homem. O consumo é uma das servidas da condição humana. O ideal, seria reduzir esse consumo ao mínimo, para libertar a existencia para autênticas realizações no seu caminho rumo à felicidade. Antes de surgir da tecnologia esse mínimo de consumo era um dos problemas principais da existencia humana. Não podendo alcançar nem esse mínimo, era ilusório falar-se na liberdade humana. Grande parte da humanidade ainda vive nessa condição servil, inclusive grande parte da população brasileira.

Mas o Ocidente propriamente dito, a Europa ocidental e os Estados Unidos, e em parte também a União Soviética, superaram esse estado de coisas. O mínimo necessário do consumo foi largamente ultrapassado, e, graças à tecnologia, alcançará, irremediavelmente, o resto da humanidade esse estágio do desenvolvimento. Embora a tecnologia tenha ultrapassado de muito o mínimo de consumo necessário; continua jerrando produtos, porque ela própria cria necessidades. Toda vez que ultrapassa um mínimo de consumo, estabelece um novo mínimo ainda não alcançado. Pela sua própria estrutura, que é criadora de necessidades crescentes, é a tecnologia a garantia da contínua servidão humana. As necessidades crescentes da tecnologia são vivenciadas como necessidades existencialmente reais, e impossibilitam portanto um projeto autêntico de vida. Quem tem luz a petróleo necessita realmente de luz elétrica; e quem tem um Cadillac necessita realmente de iate; e a caça pela elevação do standard de vida é uma servidão real que impossibilita a busca da felicidade.

A elevação do standard de vida como justificativa ética da tecnologia desvendada, se analisada, o caráter ilusório e profano do mundo no qual a tecnologia funciona. Acresce que esse mundo dos instrumentos, cria uma nova pressão e uma nova solidão, cujos aspectos ontológicos já foram discutidos. A elevação do standard de vida, longe de superar a angústia fundamental da existencia, acentua essa angústia, e é portanto um método de decadência seguro;

VILÉM FLUSSER

se me possa exprimir dessa forma.

Procurei, nesta aula, dar aos senhores uma visão do mundo da ciência aplicada, tal como este se apresenta do meu ponto de vista. Trata-se de um mundo desmitizado, profano e feio, portanto de um mundo irreal no qual a existência decai, se não se conseguir desjetar dele. Mas é óbvio que este meu ponto de vista não esgota o tema. Os senhores forneceram certamente argumentos contra ele. Na próxima aula pretendo discutir os mitos que contribuíram para esse mundo que nele se desritizam. Encerre este argumento com um pensamento emprestado de outra sociedade. O mundo da tecnologia é o perfeito exemplo de máia. É um véu espesso que a ciência tecou para tapar a nossa visão da realidade. A nossa salvação como indivíduos e como sociedade depende da nossa capacidade de rasgar esse véu, já que dentro dele aumenta incessantemente a nossa sede de produtos, portanto a nossa servidão e a nossa infelicidade.